

COMO UM BARCO À DERIVA Três colegas do *Collège de France*

Jean-Pierre Vernant¹

Entrevista com José Otávio Nogueira Guimarães²

José Otávio Guimarães

Ciente de que suas relações com Ignace Meyerson e Louis Gernet (dívida intelectual, maneira como os remodelou e diferença para com suas respectivas obras) já foram, por diversas vezes e em diferentes registros, exploradas,³ gostaria de lhe fazer algumas perguntas a respeito de outros interlocutores intelectuais. Poderia me falar de suas relações com três de seus colegas do *Collège de France*: Georges Dumézil (1898-1986), Claude Lévi-Strauss (1908) e Michel Foucault (1926-1984)?⁴

Jean-Pierre Vernant

Georges Dumézil é, desses três personagens, o que, de certo modo, primeiro conheci e convivi. Eu o li bastante cedo. Ademais, à exceção do que escreveu em seus primeiros livros (particularmente sobre a Grécia, o que me pareceu menos convincente), tudo o que fez sobre Roma, sobre os germanos e, digamos, sobre as religiões indo-européias, é algo que sempre considerei exemplar. Além do que, mantive com ele relações pessoais, já que o primeiro livro que publiquei, no início dos anos 1960, **Les origines de la pensée grecque**, foi acolhido em uma coleção que dirigia; foi um convite dele. Acrescente-se a isso o fato de que escrevi resenhas de seus livros, a partir de certo momento — digamos, após a Segunda Guerra — de modo bem sistemático.

¹ Vernant nasceu em Provins, em 4 de janeiro de 1914, e morreu em Sèvres, em 9 de janeiro de 2007. Herói da Resistência, foi pesquisador do CNRS de 1948 a 1958, quando entrou para *École Pratique des Hautes Études*. Eleito para o *Collège de France*, em 1974, aposentou-se em 1984.

² Entrevista realizada no *Collège de France*, Paris, em 14 de abril de 1999. Todas as notas são do entrevistador.

³ O próprio Vernant escreveu sobre seus dois principais ‘mestres’, Meyerson (1888-1983) e Gernet (1882-1962). É suficiente citar os artigos reunidos em VERNANT (1996), “Lire Meyerson”, “Psychologie historique et expérience sociale” (sobre o primeiro), “Sur l’*Anthropologie historique de la Grèce antique*” e “*Les Grecs sans miracle* de Louis Gernet” (sobre o segundo). A respeito das relações entre os três, ver DI DONATO (1990).

⁴ No *Collège de France*, Dumézil ocupou, entre 1946 e 1968, a cadeira de “Civilizações indo-européias”; Lévi-Strauss, entre 1959 e 1982, a de “Antropologia social”; Foucault, entre 1970 e 1984, a de “História dos sistemas de pensamento”.

José Otávio Guimarães

Sempre no *Journal de Psychologie*?⁵

Jean-Pierre Vernant

Creio que sim. Talvez em outros lugares também. Mas, enfim, o essencial foi publicado no *Journal de Psychologie*.⁶ Elaborava tais resenhas e depois ia lhe mostrar. A gente as discutia. Mantive com ele, desse modo, relações ao mesmo tempo intelectuais e de amizade, que nunca foram abandonadas. Devo-lhe, assim, certa orientação, depois chamada de estruturalista, mesmo que se saiba que essa palavra comporta muita ambigüidade e confusão. Refiro-me à idéia de que uma religião não é uma espécie de amontoado mais ou menos caótico que os acasos da história produziram; existe certa sistematicidade no panteão, nos relatos lendários, nos mitos; e mesmo os fenômenos figurativos não escapam desse ordenamento relativo. Nesse plano, portanto, inscrevo-me na linha dumeziliana. Com uma ressalva – que sempre indiquei e que ele, aliás, reconheceu sem me esperar: que no contexto grego não nos encontramos em um domínio indo-europeu de tipo tradicional. O aspecto fundamental do sistema religioso indo-europeu, o trifuncionalismo, não funcionava. Funcionava em certos lugares, mas não funcionava em outros. Não se tinha a impressão de que se tratava do mesmo tipo de fenômeno.

José Otávio Guimarães

Penso não estar enganado ao dizer que, em seus trabalhos, você insistiu justamente nessa especificidade grega ...

Jean-Pierre Vernant

Sim. Em resumo, tenho com Dumézil ao mesmo tempo uma dívida, que nunca dissimulei e que sempre reconheci, e a sensação, que penso ter expressado de modo bem claro na minha aula inaugural no *Collège de France*, de certa divergência.⁷ A Grécia, sustento nessa aula, apresenta vantagens e desvantagens para aplicação do sistema trifuncionalista. O comparatismo dumeziliano funciona

⁵ *Journal de Psychologie normale et pathologique (JdPs)*, fundado por Pierre Janet e Georges Dumas, em 1920. Ignace Meyerson foi seu secretário de redação até 1938, momento em que passa a dividir a direção com Charles Blondel e Paul Guillaume, depois de 1946, apenas com Guillaume, e, finalmente, em 1962, sozinho. O *Journal* extinguiu-se junto com Meyerson, em 1993. Vernant foi seu secretário de redação de 1948 a 1993.

⁶ Eis as referências das principais resenhas de livros de Dumézil escritas por Vernant: “La religion romaine archaïque, suivi d’un appendice sur la religion des Etrusques” (Paris, Payot, 1966), *L’Homme*, VIII, 4 (1968), pp. 92-103; “Idées romaines” (Paris, Gallimard, 1969), *JdPs* 69 (1972), pp. 206-210; “Mythe et épopée, III. Histoires romaines” (Paris, Gallimard, 1973), *JdPs* 72 (1975), pp. 222-225; “Les dieux souverains des Indo-Européens” (Paris, Gallimard, 1977), *JdPs* 75 (1978), pp. 487-491; “Fêtes romaines d’été et d’automne, suivi de Dix questions romaines” (Paris, Gallimard, 1975), *JdPs* 75 (1978), pp. 491-494.

⁷ Aula inaugural da cadeira de “Estudo comparado das religiões antigas”, *Collège de France*, 5 dezembro de 1975; publicada com o título “Religion grecque, religions antiques”, em VERNANT (1979 : 5-34; sobre Dumézil: 15-26).

e encontra sua pertinência no quadro desse sistema indo-europeu, mas quando se tenta ampliá-lo aparecem logo alguns problemas. Por exemplo, tivemos – Dumézil e eu – um estudante japonês chamado Yoshida, que publicou um bocado de *papers* para mostrar que a mitologia japonesa era do mesmo tipo que a mitologia indo-européia.⁸ Sempre fui, nesse caso, bastante reticente, pois pensava que o que dava justamente validade às interpretações dumezilianas era o fato de que se situavam no interior de um conjunto, que era ao mesmo tempo um conjunto homogêneo do ponto de vista lingüístico.

José Otávio Guimarães

Você se referiu, rapidamente, às suas relações pessoais com Dumézil. Talvez haja mais coisas a serem ditas sobre esse ponto.

Jean-Pierre Vernant

Sem dúvida, nesse aspecto, a dívida que contraí com ele é ainda maior. Um dia fui visitá-lo para lhe apresentar uma daquelas resenhas, que deveria sair pelo *Journal de Psychologie*. Sempre lhe mostrava antes, porque podiam ocorrer alguns deslizos. Achava correto submetê-las antes que fossem publicadas. Mostro-lhe, então, essa resenha. Discutimos. Isso lá no seu escritório, em *Notre Dame des Champs*, numa bagunça danada. Havia publicações por todos os lados. Era como se estivéssemos em um barco, navegando ladeados por grandes rochedos, em um mar de livros. Ao terminarmos, ele me acompanha até porta, como tinha o costume de fazer, sempre com a extrema gentileza de todos os editores. Começo a descer as escadas e ouço sua voz: “Senhor Vernant, senhor Vernant!”. Dou meia volta e o vejo diante de sua porta, próximo à escada. Chama-me com um gesto. Subo. Ele me diz: “Senhor Vernant, alguma vez já pensou no *Collège de France*?”. “Não. Nunca pensei nisso, em nenhum momento de minha vida. Não, de modo algum”. Retruca: “Bom, mas, escute, existem pessoas que pensarem nisso por você. Vá ver Lévi-Strauss.”

José Otávio Guimarães

Então... a sugestão da candidatura, o convite, veio afinal de Dumézil ou de Lévi-Strauss?

Jean-Pierre Vernant

Foi Dumézil que me disse isso. Fui, portanto, visitar Lévi-Strauss. Na realidade, creio que já haviam falado sobre o assunto. Lévi-Strauss me diz: “sim, de acordo”; e decide apresentar minha candidatura. Caso contrário, jamais teria pensado no *Collège*. Nunca teria sido acolhido. Não o freqüentava; ensinava, à época, na *École pratique des hautes études*. Mas, na verdade, fui derrotado; Madame Romilly se apresentou ao mesmo tempo, em oposição à minha candidatura.⁹ No

⁸ Basta citar YOSHIDA (1977) e (1981).

⁹ Jacqueline de Romilly, filóloga francesa, conhecida por seus trabalhos sobre a civilização e a literatura gregas, especialmente por seus escritos sobre Tucídides, nasceu em 26 de março de

primeiro turno, tivemos o mesmo número de votos; no segundo, finalmente, os cientistas votaram em maior número nela. Foi eleita no terceiro ou quarto turno, com alguns votos de diferença. Diante disso, renunciei ao *Collège*.

José Otávio Guimarães

Mas não definitivamente...

Jean-Pierre Vernant

Seis meses depois, encontrei um professor do *Collège* que me alertou para o fato de que era necessário fazer certas visitas quando se é candidato a uma cadeira nessa instituição. Ou seja, era preciso encontrar todos os professores. Fui então visitar um desses homens de saber, físico e teórico, chamado Abragam.¹⁰ Ele me recebeu gentilmente e me confessou: “Escuta aqui, votei em Madame Romilly porque tinha me comprometido, tinha acordado. Não votei contra você, mas simplesmente nela”. E, por puro acaso, encontro Abragam em uma reunião, que nem mesmo era uma reunião de acadêmicos, para se articular a defesa de nem sei mais quem, na União Soviética, que estava passando por enormes dificuldades, e ele me confidenciou: “Você sabe, nós, os cientistas, nos reunimos e chegamos a seguinte conclusão: ‘Ah, coisa chata, deveríamos ter acolhido Vernant’. Isso para te dizer que, em breve, nova cadeira do *Collège* vai estar vaga. Vá rever Lévi-Strauss e peça-lhe que apresente novamente sua candidatura. Afinal de contas, dois helenistas no *Collège*, sobretudo tão diferentes quanto você e Madame Romilly, cairia muito bem. Fui, portanto, encontrar Lévi-Strauss, que me respondeu: “Não, eu não, porque acho que me enganei da outra vez. O fato de ter sido apresentada por mim desfavoreceu sua candidatura”. Estou persuadido de que isso não é verdade. Ele continua: “Estou distante de você, sou antropólogo. Falam por aí: ‘ele é helenista, por que, então, Lévi-Strauss?’. Peça a alguém de mais oficial, peça a Caquot”.¹¹ Assim, Caquot, que era uma pessoa que ele conhecia bem, historiador da religião, especialista de tudo que se refere aos hebreus, judeus, ligados aos cristãos, amavelmente me acolheu: “Sim, sem problema. Eu apresento sua candidatura”. Apresentou-me e fui eleito, agora sem concorrência. Portanto, Lévi-Strauss e Dumézil, independentemente de suas teorias, estão na origem de minha eleição ao *Collège de France*.

1913, em Chartres. Membro da Academia Francesa, foi a primeira mulher eleita para o *Collège de France*, onde ocupou, entre 1973 e 1984, a cadeira “Grécia: formação do pensamento moral e político”.

¹⁰ Anatole Abragam nasceu em 15 de dezembro de 1914, em Griva-Semgallen, Rússia. Dedicou-se, em especial, a pesquisas no domínio do magnetismo nuclear e da física dos sólidos. É autor de *Réflexions d'un physicien* (1983) e *De la Physique avant toute chose* (1987). No *Collège de France*, ocupou a cadeira de “Magnetismo nuclear”, de 1960 a 1985.

¹¹ André Caquot nasceu em 24 de abril de 1923, em Epinal, Vosges, França. Diretor de estudos, a partir de 1955, na V Seção da *Ecole pratique des hautes études* (ciências da religião). Professor no *Collège de France* de 1974 a 1976, onde ocupou a cadeira de “Hebreu e aramaico”. Caquot desempenhou papel importante, na qualidade de presidente da referida V Seção, para que Vernant aí fosse acolhido como diretor de estudos em 1958.

José Otávio Guimarães

E as resenhas que você escreveu dos livros de Dumézil... Teve algum retorno? Ele as comentava?

Jean-Pierre Vernant

Quando publiquei meu texto sobre o mito hesiódico das raças,¹² ele me escreveu uma longa carta dizendo que estava completamente de acordo, que era muito bom, que havia coisas que não tinha visto; enfim, foi bastante caloroso. E assim permaneceu, diria, independentemente do fato de que, politicamente, não era próximo das posições que podiam ser as minhas.

José Otávio Guimarães

A esse respeito, o que você acha das críticas que Arnaldo Momigliano e Carlo Ginzburg fizeram dos trabalhos de Dumézil?

Jean-Pierre Vernant

Não concordei com os ataques de Momigliano (que era muito meu amigo), nem com as críticas que foram retomadas, em seguida, por Ginzburg.¹³ Penso que foram injustas. Dumézil era, acredito, um homem conservador. É verdade que tinha uma simpatia pela *Action française* e que representava essa direita nacionalista francesa anti-alemã que não se tornou nazista, hitlerista. Tinha perfeitamente o direito de ser da *Action française*, um nacionalista conservador. Penso que nunca foi hitlerista. Desse modo, o que se lhe reprovava, ao se dizer que seu livro sobre os deuses e guerreiros germanos manifestava sentimento de admiração pelo nazismo, não me parece muito correto. O que é verdade, sem dúvida, é que essa ideologia um tanto guerreira e viril devia exercer nele certa fascinação intelectual. O que não quer dizer que isso implicasse algum tipo de adesão. Claro que, por trás disso, talvez pudesse haver a idéia de que sua homossexualidade fosse um elemento que tivesse desempenhado algum papel. Não acredito que o trabalho científico e as posições que assume um pesquisador podem se explicar por suas orientações políticas. Em todo caso, aquelas não são reflexos destas, possuem certa autonomia. Isso para mim é evidente quando olho para a vida de Dumézil, para sua vida de cientista. Ele me contou várias histórias sobre pessoas que lhe marcaram intelectualmente. Ele era, aliás, bem mais velho que eu; tão velho quanto o sou hoje. Nesse tempo em que o visitava, era ainda um juvenzinho, mesmo no plano científico, pois quando comecei no mundo da pesquisa, tinha já, se não me engano, 34 anos ...

José Otávio Guimarães

Em 1938?

¹² VERNANT (1960) e (1965).

¹³ MOMIGLIANO (1984), GINZBURG (1989). DUMÉZIL respondeu ao primeiro em (1985a) e ao segundo em (1985b).

Jean-Pierre Vernant

Não, em 1948.

José Otávio Guimarães

Em 1948? Mas você recebeu uma bolsa...

Jean-Pierre Vernant

... do CNRS.¹⁴

José Otávio Guimarães

E antes disso?

Jean-Pierre Vernant

Antes... Era professor de filosofia...

José Otávio Guimarães

Em Toulouse?

Jean-Pierre Vernant

Sim, em Toulouse e, depois, em Paris.

José Otávio Guimarães

Mas você já escreveu sobre uma bolsa que lhe foi concedida, antes da Segunda Guerra, para que preparasse uma tese sobre a noção de trabalho em Platão ...¹⁵

Jean-Pierre Vernant

Isso foi em 1937...

José Otávio Guimarães

Então... antes de seu serviço militar?

Jean-Pierre Vernant

Ah, não, quando eu estava servindo. Isso foi durante o serviço militar. Fiz um pedido de bolsa...

José Otávio Guimarães

Ah bom, foi só um pedido.

¹⁴ *Centre national de la recherche scientifique* (Centro nacional de pesquisas científicas), correspondente ao nosso CNPq.

¹⁵ “Chercheur au CNRS”, discurso pronunciado em 18 de dezembro de 1984, por ocasião da entrega da medalha de ouro do CNRS; publicado em VERNANT (1996 : 43).

Jean-Pierre Vernant

A bolsa me foi concedida, mas o projeto naufragou, porque fui desmobilizado e, depois, reconvocato. Isso não é importante.

José Otávio Guimarães

Podemos retomar, se você estiver de acordo, o caso Dumézil...

Jean-Pierre Vernant

Sim. Não creio, portanto, que fosse hitlerista. Não é por acaso que Dumézil era próximo de Émile Benveniste e do especialista em Índia antiga, Jules Bloch.¹⁶ Os dois eram judeus. De quem me disse que era próximo e que lhe tinha deixado forte impressão?

José Otávio Guimarães

Marcel Granet?¹⁷

Jean-Pierre Vernant

Sim. Contou-me de como tremia ao encontrar Granet. Bom, foram todos esmeriladores da escola semiológica francesa. Foram eles, igualmente, que o colocaram na *École pratique des hautes études*. Era esse o seu meio intelectual. Conseqüentemente, quaisquer que tenham podido ser suas atitudes (vinha de uma família de militares, seu pai tinha sido general; crescera, portanto, em um meio conservador), seu trabalho intelectual, seu ensino, o tinha colocado no meio de um monte de gente de orientação anti-nazista. Como ser nazista e freqüentar, na França dessa época, esse meio intelectual? Ele levou sua vida nesse círculo, vida de estudos, com suas afinidades intelectuais. Não se pode dizer: “sim, tudo isso se explica pelo fato de que...”. Isso é uma piada! Como bem nos mostrou Éribon, antes da Segunda Guerra, quando Dumézil trabalhava como jornalista para ganhar seu pão, escrevia artigos que eram pró-Mussolini.¹⁸ Isso é verdade. Pensava que era necessário entrar em entendimento com a Itália, mas seus artigos eram violentamente anti-nazistas. Na realidade, não se distinguia de muitos franceses que acreditavam que o perigo era a Alemanha e que podíamos entrar em acordo com os italianos, precisamente porque os italianos, no momento do

¹⁶ Jules Bloch nasceu (01/05/1880) e morreu (29/11/1953) em Paris. Foi diretor de estudos na *École pratique des hautes études*, de 1919 a 1951, professor na *École des langues orientales*, de 1921 a 1937. No *Collège de France* ocupou a cadeira de “Língua e literatura sânscrita”, entre 1937 e 1941 e, depois, entre 1944 e 1951. Émile Benveniste nasceu na Síria (27/05/1902) e morreu em Paris (03/10/1976). Um dos maiores nomes da lingüística francesa, ficou conhecido por seus trabalhos no campo da gramática comparada do indo-europeu. Ensinou na *École pratique des hautes études*, de 1917 e 1937, ano em que foi eleito para a cadeira de “Gramática comparada”, no *Collège de France*, onde se aposentou em 1969. Fundou, junto com Claude Lévi-Strauss e Pierre Gourou, *L'Homme: revue française d'anthropologie*.

¹⁷ Marcel Granet (1884-1940), sinólogo e sociólogo francês, professor na *École pratique des hautes études* e na *École des langues orientales*. É autor de dois clássicos das ciências humanas francesas: **La civilisation chinoise: la vie publique et la vie privée** (1929) e **La pensée chinoise** (1934).

¹⁸ ÉRIBON (1992).

Anschluss, postaram-se igualmente em oposição à Alemanha. Bom, as coisas não são tão mecânicas, não são simples. Não concordo com as tentativas de lhe aplicar esse rótulo. Ele escreveu suas obras, nós as lemos.

José Otávio Guimarães

E Lévi-Strauss?

Jean-Pierre Vernant

Com Lévi-Strauss foi completamente diferente. Era, de certo modo, mais próximo de mim, porque, muito mais que Dumézil, vinha diretamente da filosofia. Dela, porém, tomou suas distâncias. Formara-se igualmente na escola sociológica francesa, na linha de Mauss. E, claro, de Mauss eu também me sentia próximo. Assisti aos cursos de Mauss quando preparava minha *agrégation* em filosofia.¹⁹ Nessa época, era preciso obter um certificado de ciências. A maioria dos candidatos à agregação não sabia nada de ciências, de matemática, de biologia, etc. Inscrevíamo-nos, então, para poder obter esse certificado, em antropologia, cujo grande responsável era justamente Mauss. Foi assim que, durante um ano, assisti aos cursos do sobrinho de Durkheim. E Mauss era, sobretudo, bastante ligado, intelectualmente e por laços de amizade, a meu irmão, também ele candidato à *agrégation* em filosofia dois anos antes de mim, e que continuava seguindo, ele assiduamente, os cursos de Mauss, acompanhado daquela que viria a ser sua mulher, Elena Cassin.²⁰ Lévi-Strauss, portanto, era mais ou menos do mesmo círculo.

José Otávio Guimarães

Esse distanciamento com relação a Dumézil, você o tomou igualmente com relação a certas posições de Lévi-Strauss?

Jean-Pierre Vernant

Tinha enorme admiração pelo que Lévi-Strauss fazia. Mas me demarcava dele, sentido-me mais próximo de Dumézil, pelo fato de que ele tinha uma atitude um pouco kantiana com relação às construções do imaginário mítico. Estas não eram exatamente *a priori*; apresentavam-se sempre a partir do concreto, das flores, das plantas, dos animais, da organização social, mas traduzindo formas de atividade mental, sobre as quais Lévi-Strauss tinha tendência a pensar que se encontravam por todos os lados. Não pensava – como eu procurava fazer, na continuação de Dumézil – que, desde que houvesse um pouco de sociedade, um pouco de civilização com sua história, era preciso considerar essas narrativas lendárias, esses

¹⁹ *Agrégation*: concurso francês, de âmbito nacional, para o exercício do cargo de professor no ensino secundário.

²⁰ Elena Cassin nasceu em 1909, foi pesquisadora do CNRS e tornou-se uma das mais respeitadas estudiosas do mundo mesopotâmico antigo. Entre seus livros mais conhecidos estão **The Near East: The Early Civilisations** (1967, com J. Bottéro e J. Vercoutter), **La splendeur divine: introduction à l'étude de la mentalité mésopotamienne** (1968) e **Le semblable et le différent: symbolismes du pouvoir dans le proche-orient ancien** (1987).

mitos ou esse aspecto de fabricação imaginária como integrados a um conjunto e dele fazendo parte. Tal elemento se explicava pelo conjunto e explicava o conjunto. Um não era a causa do outro, eram coisas que andavam juntas. Lévi-Strauss sempre tinha tendência a pensar que havia uma espécie de lógica do concreto, ou seja, que, independentemente do que a ciência podia elaborar da vida, existia um tipo de inclinação do imaginário mítico para tudo dispor em narrativa, sempre com umas tantas variantes. Essas variantes, contudo, eram apenas a composição musical de um fundo comum do funcionamento mental. Nunca acreditei muito nisso. Estava, sobretudo e ao mesmo tempo, interessado pela maneira como ele decifrava as narrativas lendárias, pelo modo como mostrava ser necessário observar as seqüências e, em seguida, organizá-las, para ver como os relatos eram fabricados. Eu não acreditava que houvesse por detrás deles formas *a priori* de imaginação lendária. Não havia nada disso; eu, pelo menos, não estava muito convencido. Não estava convencido de que se podia estabelecer algum tipo de comparação sistemática entre um mito grego e um outro mito grego e, por outro lado, entre um mito grego e um mito ameríndio. Dizia-me: não, existe aí um problema, não é a mesma coisa. Tanto mais que, no caso grego, não existiam narrativas de tradições orais múltiplas; desse modo, era necessário compará-las umas com as outras. Temos os textos. E os textos se apresentam de forma diferente de uma série de tradições orais modificadas.

José Otávio Guimarães

No que diz respeito à inteligibilidade do ‘caso grego’, nota-se que você não estava inteiramente engajado em um comparatismo do tipo lévi-straussiano. E sobre a questão da história em Lévi-Strauss, qual sua posição?

Jean-Pierre Vernant

Nunca escondi minha grande dívida para com ele, mas não estava seguro sobre a possibilidade de um comparatismo generalizado. Tinha igualmente a impressão de que existia, por trás de sua atitude, em todo caso mais do que em meu trabalho, um *a-historismo* (não diria um *anti-historismo*, como já se escreveu). Concordo plenamente com Dumézil quando diz que não há simplesmente um deus ao lado de outro, que os deuses formam conjuntos e que é preciso tomá-los em suas relações recíprocas. Concordo plenamente com Dumézil e Lévi-Strauss quando afirmam que diante de um texto dito mítico ou lendário, uma narrativa ou texto de Hesíodo, deve-se mostrar sua organização, mostrar como existem ressonâncias internas, como aquilo faz sentido porque faz sistema. Estava completamente de acordo com isso, mas, talvez, não me alinhasse tanto com a idéia de que existiria ali um espírito humano e de que, quando se tratava de apreender seu funcionamento, haveria uma espécie de fundamento. Hoje, o que diria? Diria que, após os trabalhos de Françoise Héritier e de outros, meu

problema não é somente fazer isso.²¹ Meu problema é também de tentar verificar como esses sistemas se transformam, como esses sistemas – não importa que sistema, em realidade – comportam níveis diferenciados: as camadas de tempo não são as mesmas; há, portanto, dissonâncias e contradições. Isso faz o sistema desmoronar. Uma das coisas mais interessantes é verificar como ele desmorona, como qualquer coisa – algo que chamamos a visão de mundo em Hesíodo, por exemplo – transforma-se por completo em um pensamento dos filósofos jônicos e dos filósofos eleatas, para não falarmos no que vem depois. O que me interessava muito – e que não foi problema para Lévi-Strauss, sendo, por vezes, problema para Dumézil – era ver como um sistema religioso se desfazia, como as tríades divinas podiam em dado momento se esfumar, se desequilibrar. Tratava-se de observar como se modificavam. Escolhi a Grécia precisamente porque foi aí que as coisas se modificaram mais rapidamente, no tempo mais curto e de maneira mais profunda. Mas já escrevi mais ou menos sobre isso, com diferentes graus de coerência.

José Otávio Guimarães

Não se encontra nenhuma referência a Lévi-Strauss em **Mythe et pensée chez les Grecs**, já Dumézil ocupa nesse livro um espaço considerável. Será que o ‘encontro’ com as análises do mito do antropólogo, isto é, com o que você chamou uma vez de “bom estruturalismo”,²² coincidiria com certa inflexão de suas pesquisas, que poderíamos resumir pela substituição da fórmula “do mito à razão” (1965) por aquela “razões do mito” (1974)?²³ Em outras palavras, Lévi-Strauss teria desempenhado papel importante nessa inflexão?

Jean-Pierre Vernant

Não me recordo mais. Depois, muito freqüentemente, quando nos lançamos em uma pesquisa, estamos como que em um barco à deriva. Há, ao mesmo tempo, o movimento do barco e dos remos e, igualmente, o rio que nos leva. Certamente, trata-se também de toda uma série de trabalhos que foram feitos em torno de mim e, em particular, de Lévi-Strauss, que me fizeram perceber, mais do que era capaz, a pluralidade no seio mesmo do mito. Não existe uma única forma de racionalidade. Tinha tendência a dizer, em certo momento, de maneira bem firme: o mito, a narrativa mítica, é uma lógica do ambíguo. É uma lógica que apresenta contrastes, oposições, e que, ao mesmo tempo em que apresenta suas oposições,

²¹ Françoise Héritier, antropóloga francesa, nasceu em 1933. Substituiu Lévi-Strauss, no *Collège de France*, ao ser eleita, em 1982, para a cadeira de “Estudo comparado das sociedades africanas”; aposentou-se em 1998.

²² Esse “bom estruturalismo”, segundo VERNANT (1966 : 55), era “o que os estudos lingüísticos trouxeram de novo nos últimos cinquenta anos com as noções de sistema e sincronia”. Era também “o partido que os mitólogos deles tiraram para trazer à luz os sistemas de oposição e de homologias que constituem a armadura das narrativas míticas”. Vernant ainda escreveu: “diria que não se pode mais fazer história das religiões sem ser, de alguma maneira, estruturalista”.

²³ “Do mito à razão” é o título dado à última parte VERNANT (1965), já “razões do mito” é o título do capítulo que encerra VERNANT (1974 : 195-250).

faz com que não possamos pensá-los um sem o outro. O que é verdade para um sem número de coisas. O que é verdade também para Heráclito, por exemplo, que não é mito. Ou seja, há aí algo de muito mais profundo. Por um lado, então, disse-me que talvez fosse simplificar demais falar que passamos de uma lógica do ambíguo a uma lógica da identidade. Também porque o que chamo de razão, o que é exatamente isso? São séries de discursos ou de atitudes: há os filósofos, há, é verdade, a formulação bastante clara, relativamente clara, do princípio da identidade. Mas não é só isso. A sofisticada igualmente é racional; trata-se, contudo, de outra coisa. Há também a medicina empírica, que funciona segundo uma lógica quase experimental, de que é preciso notar todos os detalhes, etc. Portanto, não existe algo monolítico, o mito, que desembocaria em algo completamente diferente. O que se percebe é um movimento complexo, como um rio, onde se vê uma corrente principal e, depois, um monte de outras pequenas correntes que vão dar em lagos ou em diferentes águas; é um movimento múltiplo. É preciso, agora, acompanhá-lo. Nesse sentido, quando faço isso, aproximo-me, por um lado, de Lévi-Strauss, que, muito mais que eu, insistiu no fato de que, finalmente, o mundo dito da narração mítica é também, à sua maneira, um mundo de racionalidades. Por outro lado, levo em conta igualmente os trabalhos de helenistas e historiadores da ciência que mostram o pluralismo das atitudes intelectuais entre o século VI e III a.C. Eu, desse modo, estou ali no meu pequeno barco, eu pedalo, mas tudo isso me carrega junto.

José Otávio Guimarães

E Foucault?

Jean-Pierre Vernant

Com Foucault as relações foram bastante diferentes daquelas que estabeleci com Dumézil. Eu o conheci bem mais tarde. O primeiro Foucault, o da **Histoire de la folie**, interessou-me bastante, mas era algo um pouco estranho às minhas preocupações.²⁴ O Foucault apaixonado pela psicanálise, desse eu não me sentia nenhum um pouco próximo.

José Otávio Guimarães

Sim, justamente, o Foucault de **Les mots et les choses**, o que havia sistematizado o anti-humanismo ambiente, não o agradava mesmo. Em 1968, dois anos após a publicação desse *best seller* filosófico, no prefácio que escreveu para **Anthropologie de la Grèce antique**, de Louis Gernet, você opôs o novo humanismo gernetiano à morte foucauldiana do homem: “No momento em que se pode observar o desaparecimento do homem como objeto de ciência e se escreve que, ‘em nossos dias, apenas é permitido pensar no vazio do homem desaparecido’,²⁵ a pesquisa de Louis Gernet adquire para nós um valor

²⁴ FOUCAULT (1961).

²⁵ FOUCAULT (1966 : 353).

exemplar”.²⁶ Por outro lado, alguns anos mais tarde, por ocasião precisamente do lançamento de seu **L’individu, la mort, l’amour**,²⁷ você se refere a influências do último Foucault: “Considerando-se suas três últimas obras: não teria escrito o que escrevi sobre a noção de indivíduo se não tivesse lido Foucault. Segui por um trilha balizada por ele”.²⁸

Jean-Pierre Vernant

Os últimos trabalhos de Foucault ajudaram-me, de certa maneira, a considerar o problema da sexualidade no mundo grego antigo. Penso, agora, que não se pode descartá-lo. Diria, hoje, que o desejo existia, que o prazer existia: *Eros*. Encontramos uma erótica nos textos gregos. Tendia a não reconhecer uma erótica platônica, que era um pouco, digamos, neo-platônica. Por outro lado, há mais ou menos 25 anos, no *Centre Louis Gernet*, em uma reunião geral, Pauline Schmitt²⁹ pediu a palavra e disse (não sei mais exatamente como se expressou): “Mas você, *Jipé*,³⁰ no fundo, pelo modo como você abordou a Grécia, pela maneira como você conduziu suas pesquisas, você manteve sempre um ponto de vista androcêntrico. Você fazia como se não existisse mulher na Grécia”. Na hora, fiquei completamente escandalizado. Nunca havia dito coisa semelhante. Ela está louca, virou feminista. Depois, refleti sobre o caso e cheguei à conclusão de que a fórmula que tinha usado talvez tivesse sido um tanto excessiva. Jamais pensei que não houvesse mulher na Grécia. De certo modo, no entanto, meu esforço para me identificar com uma maneira grega de pensar, de sentir, de viver, de refletir, talvez até mesmo de escrever, havia me levado a ver as mulheres do ponto de vista dos homens. Essa consciência que adquiri a partir de certo momento do caráter unilateral do trabalho que conduzia, essa consciência se devia também ao fato de que os estudos feministas desenvolviam-se por todos os cantos. E aí, de novo, isso me deixou bastante irritado.

José Otávio Guimarães

Desenvolviam-se, sobretudo, nos Estados Unidos...

Jean-Pierre Vernant

Sim, sobretudo nos Estados-Unidos. Vou te contar, logo, uma história. Nesse caso também, é verdade, como de hábito, não refleti o bastante. Enfim, as

²⁶ GERNET (1968 : 5-10).

²⁷ VERNANT (1989a). Sobre Vernant, Foucault e a questão do humanismo no pós-guerra francês, permitam-me remeter a GUIMARÃES (2000).

²⁸ VERNANT (1989b : 130-131).

²⁹ Pauline Schmitt-Pantel, historiadora e helenista, é, hoje, professora na *Université de Paris I – Sorbonne*. Membro do *Centre Louis Gernet de recherches comparées sur les sociétés ancienne*, fundado por Vernant, em 1964, é autora, entre muitos outros trabalhos, de **La religion grecque** (1989), com L. Bruit Zaidman; “L’Antiquité”, in **Histoire des femmes** (1991), dir. de G. Duby e M. Perrot, **La cité au banquet, histoire des repas publics dans les cités grecques** (1992).

³⁰ Apelido de Vernant, cujo uso era reservado aos próximos. Refere-se às iniciais de seu nome J.-P. (Jean-Pierre). *Jipé* seria algo como nosso Jotapé.

mulheres que freqüentavam o *Centre Louis Gernet*, e eram muitas, fizeram esse trabalho por mim. Mais uma vez, aí, há um perigo, como para os psicanalistas, como para os marxistas: é o de tudo ver de um único ponto de vista, de ver em não importa qual domínio que aquele problema é fundamental. Por que tudo isso tinha me irritado? Porque quando **Mythe et pensée chez les Grecs** foi lançado em francês, em 1965, recebi uma primeira carta de uma editora norte-americana dizendo-me que gostaria de publicar o livro. Perguntei, então, à mulher do helenista inglês Geoffrey Lloyd, que traduzia na maioria das vezes os textos que escrevia, se não gostaria de traduzir **Mythe et pensée** em inglês.³¹ Ela respondeu afirmativamente; e teve um trabalho enorme. Em seguida, recebi uma segunda carta da diretora da editora norte-americana – esqueci o nome dessa senhora e até o nome da própria editora (sei que era uma editora engajada na luta anti-imperialista e na luta feminista nos Estados Unidos) – em que se podia ler: “Muito bem, estou aqui com seu livro. Devemos colocar previamente algumas questões. A primeira é que, em seu livro, você fala o tempo todo do homem grego e parece esquecer que a mulher dele constitui metade da sociedade grega. Ora, isso não é possível. É necessário que você encontre um meio de não falar em homem grego, porque *greek man no possible, but greek woman...*”. Leio isso e começo me divertir. Explico-lhe que a palavra homem, em francês, tem duas acepções: o gênero humano, que compreende o homem e a mulher, e também uma acepção mais restrita, em que o homem aparece em oposição à mulher. Ela continua o palavrório dizendo que havia, ali no livro, um texto em particular que era absolutamente escandaloso. Tratava-se do texto em que explorava o mito de Pandora narrado por Hesíodo. Aquilo era uma coisa ignóbil, repugnante, de uma grosseria terrível com relação à mulher, aviltante, etc, etc. “Você comenta esse texto e não diz uma palavra para mostrar que não é dessa opinião, que você a reprova, que aquilo é escandaloso e que Hesíodo é um estúpido.” Após ter dito isso, ela ainda acrescenta: “Você entende, né? Nossa editora é de vanguarda, está à frente da luta feminista”.

José Otávio Guimarães

Em suma, uma editora politicamente correta...

Jean-Pierre Vernant

Isso. Aí, saio completamente do sério. Envio-lhe uma nota dizendo mais ou menos o seguinte: “Li com atenção sua carta. No que se refere a Hesíodo,

³¹ Sir Geoffrey Ernest Richard Lloyd nasceu em 1933, em Swansea, na Grã-Bretanha. É internacionalmente conhecido por seus trabalhos no campo da história da ciência e da medicina antigas. Seu forte interesse pela antropologia marcou seus escritos sobre o pensamento grego. Destacam-se, entre seus trabalhos: **Polarity and Analogy: Two Types of Argumentation in Early Greek Thought** (1966), **Early Greek Science: Thales to Aristotle** (1970), **Greek Science after Aristotle** (1973), **Magic Reason and Experience: Studies in the Origin and Development of Greek Science** (1979) e **The Revolutions of Wisdom: Studies in the Claims and Practice of Ancient Greek Science** (1987). Foi professor na *University of Cambridge* e é, hoje, *Senior Scholar* no *Needham Research Institute*, em Cambridge.

assinalo (caso a senhora ainda não tenha se dado conta) que esse valoroso homem morreu há aproximadamente 2700 anos. E se o chamam de estúpido ou de gênio, pouco está se lixando. Está fora de questão qualquer modificação no meu texto. Estou lidando com um texto antigo. Se me debruço sobre um texto dos Evangelhos, não vou me meter a dizer que o evangelista é asqueroso ou é isso ou aquilo. A senhora me pede para acrescentar uma nota: em nenhum momento isso me passou pela cabeça. Não vou me ridicularizar declarando que não estou de acordo com um texto que procuro justamente compreender. Sem chance. Hesíodo pode dizer o que quiser. Se estou ali para explicar o que disse, cito o que disse. Evito julgamentos a seu respeito. Se se trata de um homem moderno ou de um contemporâneo, posso até tomar posição, mas quando falo de um homem de mais de 2700 anos, isso não faz nenhum sentido. A senhora me diz, então, madame, que é uma editora de vanguarda. Informo-lhe, por precaução, que o editor que publicou esse texto, François Maspero, não somente é de vanguarda, como, contrariamente à senhora, vem, com frequência, sendo preso, condenado e punido com multas, justamente porque é de vanguarda. Após ter recebido sua carta, fiz uma experiência. Fui até a editora de Maspero, onde trabalhavam 5 ou 6 moças, para as quais li sua carta. Conto-lhe a reação: gargalhadas sonoras e ininterruptas. Todas essas moças, que são feministas, morreram de rir. Talvez, vocês, americanos, estejam mais avançados, sob diversas perspectivas, no plano técnico e científico. Imaginam até mesmo, talvez, que estejam na liderança da luta pelos direitos da mulher. Contudo, no plano intelectual, vocês ainda estão engatinhando. Nenhuma resposta.

José Otávio Guimarães

E o livro, afinal, foi publicado?

Jean-Pierre Vernant

Claro que não. Não foi publicado. Foi publicado depois, mas não por essa editora.

José Otávio Guimarães

As coisas se passaram mais ou menos da mesma forma com relação aos psicanalistas?

Jean-Pierre Vernant

Foi similar meu descontentamento com os psicanalistas. Eles, todavia, foram bem menos fanáticos. Após a publicação de meu texto sobre **Édipo Rei**,³² não se puseram no meu encaço para que lhes fosse fazer conferências ou com eles estabelecer algum debate. Os psicanalistas são, no mundo médico francês, os mais antenados com a Grécia, com a tragédia. Lêem tudo e leram também o que escrevi. Mas nunca gostaram muito de mim, pelo contrário.

³² VERNANT (1967) e (1972 : 75-98).

José Otávio Guimarães

Para concluir, você poderia comentar esse pequeno trecho do Michel Foucault de *L'usage des plaisirs*, pensando no tipo de relação que você construiu com o mundo helênico antigo: “Não sou nem helenista, nem latinista. Mas me pareceu que, com bastante cuidado, paciência, modéstia e atenção, seria possível adquirir suficiente familiaridade com os textos da antiguidade grega e romana: quero dizer uma familiaridade que permita, de acordo com uma prática indubitavelmente constitutiva da filosofia ocidental, interrogar, ao mesmo tempo, a diferença que nos mantém à distância de um pensamento em que reconhecemos a origem do nosso e a proximidade que permanece a despeito desse distanciamento que aprofundamos sem cessar”.³³

Jean-Pierre Vernant

Eu poderia tê-lo escrito. Já disse alguma coisa parecida na introdução de **Mythe et pensée chez les Grecs**.

José Otávio Guimarães

Sim, seu famoso “*back to the Greeks*”! Por um lado, você escreveu, “as obras que a Grécia antiga criou são bastante ‘diferentes’ daquelas que formam nosso universo espiritual para nos expatriar de nós mesmos, para nos dar, com o sentimento da distância histórica, a consciência de uma transformação do homem; por outro lado, “não nos são estranhas, como outras”. E, logo em seguida, você complementa: “o homem grego, bastante afastado de nós para que seja possível estudá-lo como um objeto, e como um objeto diverso, ao qual não se aplicam exatamente as nossas categorias psicológicas de hoje, é, entretanto, bastante próximo para que possamos sem muitos obstáculos entrar em comunicação com ele, compreender a linguagem que fala em suas obras”.³⁴

Jean-Pierre Vernant

Sim. Você pensou nessa correlação antes de mim. Estou inteiramente de acordo. Penso que por trás da analogia de identidade e atitude, há algo mais. Há que se notar que Foucault é sensível ao fato de que no mundo grego existe alguma coisa que é, ao mesmo tempo, bem diferente e que, por essa diferença, nos fazemos reconhecer. Em outras palavras, é pelo jogo entre o outro e o mesmo que não somente conseguimos compreender os gregos, mas que chegamos igualmente a lançar sobre nós mesmos um olhar lúcido e claro. O que não significa colocar em um único plano todos os elementos, mas lhes conferir certa historicidade e, conseqüentemente, os relativizar, situando-os uns com relação aos outros sob a idéia de que poderiam estar diversamente organizados. Eis o que Foucault diz. Esse é o ponto de partida de minhas pesquisas. Porém, como cheguei antes, diria que, ao escrever isso, Foucault estava sendo bem vernantiano.

³³ FOUCAULT (1984 : 13, n. 1).

³⁴ VERNANT (1965 : 10).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DI DONATO, R. *Per una antropologia storica del mondo antico*. Florença: La Nuova Italia, 1990.
- DUMÉZIL, G. “Un idylle de vingt ans”, *L'oubli de l'homme et l'honneur des dieux*. Paris: Gallimard, 1985a, pp. 229-318.
- DUMÉZIL, G. “Science et politique, réponse à Carlo Ginzburg”, *Annales ESC*, 40, 1985b, pp. 985-989.
- ÉRIBON, D. *Faut-il brûler Dumézil ? — mythologie, science et politique*. Paris: Flammarion, 1992.
- FOUCAULT, M. *Folie et déraison: histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Plon, 1961.
- FOUCAULT, M. *Le mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.
- FOUCAULT, M. *L'Usage des plaisirs*. Paris: Gallimard, 1984.
- GERNET, L. *Anthropologie de la Grèce antique*. Paris: Flammarion, 1968.
- GINZBURG, C. “Mitologia germânica e nazismo: sobre um velho livro de Georges Dumézil”, *Mitos, emblemas, sinais — morfologia e história*. Trad. port., São Paulo: Cia. das Letras, 1989, pp. 181-206.
- GUIMARÃES, J. O. “A querela dos humanismos: Jean-Pierre Vernant e a tradição clássica”, *Humanas*, XXIII, 1/2, 2000, pp. 145-178.
- MOMIGLIANO, A. “Georges Dumézil and the trifunctional approach to Roman civilization”, *History and Theory*, XXIII, 1984, pp. 312-330
- VERNANT, J.P. “Le mythe hésiodique des races - Essai d'analyse structurale”, *Revue de l'Histoire des Religions*, 1960, pp. 21-54
- VERNANT, J.P. *Les origines de la pensée grecque*. Paris: PUF (coleção “Mythes et religions”), 1962.
- VERNANT, J.P. *Mythe et pensée chez les Grecs*. Paris: Maspero, 1965.
- VERNANT, J.P. “Édipe sans complexe”, *Raison présente*, 4, 1967, pp. 3-20.
- VERNANT, J.P. *Mythe et tragédie en Grèce ancienne*. Paris: Maspero, 1972.
- VERNANT, J.P. **Mythe et société en Grèce ancienne**. Paris: Maspero, 1974.
- VERNANT, J.P. *Religions, histoires, raisons*. Paris: Maspero, 1979.
- VERNANT, J.P. *L'individu, la mort, l'amour*. Paris: Gallimard, 1989a.
- VERNANT, J.P. “Anthropologie historique et Grèce ancienne”, *Raison présente*, 91, 1989b, pp. 123-132.
- VERNANT, J.P. *Entre mythe et politique*. Paris: Seuil, 1996.
- YOSHIDA, A. “Mythes japonais et idéologie tripartite des Indo-Européens”, *Diogenes*, 98, 1977, pp. 101-124.
- YOSHIDA, A. “Dumézil et les études comparatives des mythes japonais”, *George Dumézil – Cahier pour un temps*, 1981, pp. 319-324.